

DO INCONSCIENTE AO ID: gênese de uma idéia
Vincenzo Di Matteo
SYMPOSIUM, Revista da UNICAP, v.28,n.1, p.118-136, 1986

*"Ninguém nos pode tirar a alegria da descoberta,
mas, ordinariamente, o descobridor
não passa de um plagiário "
(Goethe)*

Introdução

O que me proponho neste artigo não é defender essa tese goethiana, mas compreender a dialética sempre presente em cada nova idéia, entre a originalidade criadora do indivíduo e a continuidade da herança cultural, a qual possibilita a emergência do novo, o condiciona, ao mesmo tempo em que por ele é condicionada. Tentarei explicitar este pensamento, analisando a gênese de uma das idéias mais significativas e marcantes de nossa cultura ocidental, a do inconsciente.

O nome de Freud, sem dúvida, lhe está associado e se destaca, mas não me limitarei a ele. A pesquisa cobrirá os últimos séculos na tentativa de entender o contexto histórico ou a cosmovisão de uma época que engendrou, manteve em gestação e deu à luz ao inconsciente.

Talvez este esforço seja filho de nossa mania ocidental. Segundo Althusser, quando nasce uma nova ciência procura-se logo uma paternidade, os antecedentes históricos, a filiação cultural desta com outras já pré-existentes, mesmo que em certos casos como o de Marx, Nietzsche e Freud - sempre segundo Althusser - esta arqueologia não se justificaria. Quando Freud tentou elaborar a sua metapsicologia não teria encontrado um referencial teórico ao qual pudesse apelar, mas foi obrigado a ser um pouco o pai de si mesmo, "teve de pensar a sua descoberta e a sua prática, dentro de conceitos importados, tomados de empréstimo à Física energética, que então dominava, à Economia política e à Biologia do seu tempo" (ALTHUSSER, 1973, p.:233-234). A herança cultural que Freud recebeu (uma coleção de conceitos filosóficos e a influência do mundo da literatura) não teria sido tão grande. Para Althusser (1973, p.234), "Freud montou sozinho o seu negócio, produzindo os seus próprios conceitos domésticos".

Concordo em parte com as teses de Althusser, por isso que não me proponho uma caça aos pretensos "precursores" que teriam antecipado Freud. A figura do "precursor" é ambígua, visto que, de alguma forma, é sempre uma criação do próprio historiador que projeta e procura no passado as idéias de um autor. Por outro lado, é a própria psicanálise que autoriza esta pesquisa arqueológica. Uma peregrinação às fontes pode ajudar a valorizar e relativizar ao mesmo tempo a originalidade de uma descoberta. A grandeza de Freud não está em questão, mas sua originalidade pode ser desmitizada e libertada de certo exagero.

Não quero envolver-me numa discussão epistemológica, apenas apresentar alguns pressupostos ou hipóteses de trabalhos que orientaram a pesquisa. Somos do parecer de que o monopólio de uma grande idéia é raro e mesmo quando as idéias podem surgir de repente, têm sempre uma longa história. Freud não é um fenômeno isolado, não desce de

pára-quadras dentro de nossa cultura ocidental, mas é a expressão ou uma das expressões mais significativas de uma época ou movimento cultural que nasce como reação ao acento exagerado colocado sobre a consciência. A idéia de inconsciente foi germinando aos poucos a partir de uma idéia mais ampla e genérica de processos mentais inconscientes e no próprio Freud o inconsciente psicanalítico propriamente dito vai passando por uma evolução cujos marcos principais são a *Carta 52 a Fliess*, o *Projeto* (1895), o cap. VII de *A interpretação dos Sonhos* (1900), o famoso artigo metapsicológico *O Inconsciente* de 1915 e o livro *O Ego e o Id* de 1923.

Parto de uma bateria de perguntas que nortearam a pesquisa. Quais os movimentos ou tendências culturais dos últimos séculos que possibilitaram a emergência do inconsciente? Qual a relação destas idéias e/ou dos pensadores ligados ao tema com Freud? Onde estaria a continuidade e descontinuidade do inconsciente psicanalítico? Onde e quando se deu o corte epistemológico? Qual a novidade e a importância do artigo metapsicológico de 1915 com relação ao capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*? O que levou Freud à reformulação de sua teoria da primeira tópica: dados clínicos ou fatores de ordem cultural? Em que contexto teórico e histórico surge a segunda tópica e o termo "Id é introduzido? A segunda tópica substitui a primeira? Trata-se realmente de uma superação? O que a noção do Id retira ou acrescenta ao inconsciente? Há realmente algo de novo no segundo modelo explicativo do aparelho psíquico? E se há, em que consiste esta novidade? Por que o aparecimento do Id somente em 1923? Se não podemos identificar o inconsciente com o Id, qual se aproxima mais do conceito do Id: o inconsciente descritivo, o dinâmico, o sistemático? O que pode significar a introdução do Id em psicanálise? Qual das duas tópicas parece resistir mais ao desgaste do tempo? Qual delas se presta mais para um diálogo com novas teorias e/ou ciências que foram surgindo nesse período, como a lingüística e o estruturalismo, por exemplo?

Para responder a essas perguntas me orientei pelos textos do próprio Freud, especialmente os textos sobre *O Inconsciente* e *O Ego e o Id*, pelas palestras, de Laplanche, que foram pronunciadas nos últimos meses de 78 e que podem ser encontradas no seu livro *L'inconscient et le ça*, bem como pelo próprio vocabulário da psicanálise. As perguntas relativas à pré-história do inconsciente psicanalítico foram respondidas seguindo Lancelot Whyte em seu livro *L'inconscient avant Freud*.

Sou também devedor para com meu professor e mestre Zeferino Rocha, sem o qual, com muita probabilidade, não somente as respostas, mas as próprias perguntas não teriam nascido.

1. O INCONSCIENTE ANTES DE FREUD

O tema do inconsciente tem a idade das civilizações. A convicção da existência da atividade do espírito fora da consciência acordada é atestada por numerosos testemunhos. Místicos, sábios, poetas, filósofos tiveram a intuição de processos psíquicos inconscientes. A maturação desta idéia tem uma longa história que foge aos objetivos deste trabalho. Limito-me a cobrir os últimos séculos de nossa história e penso que não seja mais apropriado escolher como ponto de partida o século do pai da filosofia moderna: Descartes,.

Muitos pensadores admitiram a existência de algo que escapa à consciência imediata e que nem por isso deixa de influenciar o comportamento humano. Descartes, porém, ao identificar o psiquismo com a consciência, vai criar involuntariamente um

problema habitacional para o inconsciente. Onde colocar agora os processos mentais inconscientes atestados pela experiência e registrados por tantos pensadores, se tudo o que não é consciência (*res cogitans*) se reduz a uma realidade material (*res extensa*)? Estava criado o problema e o consciencialismo se tornaria uma ‘doença européia’ segundo as palavras de Nietzsche. Tendo presente este contexto cultural, a descoberta do inconsciente não deve ser entendida como uma ‘descoberta científica’ e sim como uma reação à primazia exagerada da consciência.

Percorrerei a vôo de pássaro esses últimos três séculos de nossa história, mostrando o desenvolvimento de uma idéia que aos poucos chega a sua plena maturação com o inconsciente psicanalítico de Freud. A montagem de textos não quer insinuar uma dependência direta de Freud desses autores. Há, de fato, uma descontinuidade de planos entre os ‘resumos intuitivos’ desses filósofos e as ‘árduas pesquisas psicanalíticas’.

O Inconsciente no fim do Século XVII

Apesar do alastramento do racionalismo por todo o séc. XVII, não faltaram também neste século pensadores que chegaram a conceber os aspectos cognitivos do Inconsciente. Citarei, a título de exemplo, alguns filósofos e seus pensamentos, apenas para ilustrar a tese mais do que demonstrá-la, o que implicaria maior profundidade de análise para situar as frases que seguem dentro do contexto da filosofia deles.

Pascal (1623-1662): "O coração tem razões que a própria razão desconhece".

Malebranche (1638.1677):- "A consciência que temos de nós mesmos nos mostra apenas a mínima parte do nosso ser".

Leibniz (1646-1716), o primeiro pensador europeu a formular claramente a idéia de uma atividade mental inconsciente. "Nossas idéias claras são como ilhas que emergem de um oceano de idéias obscuras".

O Inconsciente no Século XVIII

A partir desse século, não apenas os aspectos cognitivos de inconsciente, mas também os vitais, emocionais e patológicos lhe são associados.

O primeiro, talvez, a descobrir o papel da vontade e das emoções nos processos que se desenrolam fora da consciência é Rousseau (1712-1778): os verdadeiros e primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros para mim mesmo como eu pensava por muito tempo.

Hume (1711-1776): O raciocínio empírico [...] nada mais é que uma espécie de instinto ou de poder maquinal que se agita em nós sem o sabermos.

Platner (1744-1818), o primeiro a usar o termo *Unbewusstsein* (inconsciente): A alma não é sempre consciente de suas idéias [...] idéias inconscientes são certamente possíveis.

Fichte (1762-1814), o primeiro de uma série de filósofos alemães que fizeram do inconsciente um princípio dinâmico sobre o qual se funda a razão consciente: a luz da consciência nasce da obscuridade do inconsciente.

Goethe (1749-1832), o poeta preferido e mais citado por Freud: o homem não pode ficar muito tempo em estado consciente; ele deve recolher-se no inconsciente, pois lá estão suas raízes.

Schiller (1759-1805): A poesia parte do Inconsciente. É necessário libertar-se dos entraves da razão crítica e deixar-se levar pelo fluxo de associações livres.

O Inconsciente e na primeira metade do século XIX

O desenvolvimento da idéia do inconsciente se dá por dois caminhos: o do homem individual e o da natureza. O primeiro, parte do estudo dos processos mentais, analisando fatos da vida consciente do indivíduo. É o caminho percorrido por Herbart, Fechner, Lipps e tantos outros que deram sua contribuição para o nascimento da psicologia científica.

A Herbart (1776-1841) cabe o mérito de ter introduzido o conceito de limiar de consciência, além de ter sugerido a existência de pensamentos recalçados inconscientes. As idéias inconscientes só se tornariam conscientes (a percepção) se fossem congruentes com as da consciência. As incongruentes vêm coincidir com as idéias inibidas. As idéias de Herbart não deviam ser estranhas a Freud se é verdade – segundo o editor inglês - que “um livro de textos contendo os princípios herbartianos era usado na escola secundária freqüentada por Freud” (1915, p. 186).

O Inconsciente na segunda metade do século XIX

A segunda metade do século XIX é o momento das formulações teóricas. Também para esse período destacamos apenas alguns pensadores, uma pequena amostra de um número cada vez maior de simpatizante com a idéia de inconsciente, considerando-se o fato de que esse tema e a música de Wagner deixam de ser assunto reservado a especialistas para se tornarem moda na Europa da década de 70 desse século.

Fechner (1801-1887): O espírito é como um iceberg, cuja parte maior está debaixo de água e que é movimentado por correntes ocultas e pelos ventos da consciência.

E. v. Hartmann (1842-1906), no seu famoso livro *Filosofia do Inconsciente* (3 vol.), publicado em 1869, apresenta uma visão panorâmica da filosofia alemã e da ciência ocidental interpretadas à luz de um único princípio: o de um processo mental inconsciente. O livro parece ter tido uma ampla repercussão, mesmo que poucos vislumbraram naquela época que esta idéia, relativamente nova, iria marcar profundamente o pensamento do mundo ocidental. Leu Freud a obra de Hartmann? Não sabemos com certeza, mas em 1882 o livro tinha alcançado a 7ª edição na Alemanha, tinha sido traduzido em francês (1877) e dois anos mais tarde, em 1884, será traduzido para o inglês. (Cf. WHYTE, 1971, p. 208)

Nietzsche (1844-1899): Todo alargamento do saber se faz tornando consciente o inconsciente. Todas as nossas motivações conscientes são fenômenos superficiais: atrás do eu está o conflito dos instintos e de nossos humores.

Schopenhauer (1788-1860), o filósofo mais citado por Freud. Entre as inúmeras passagens da obra mais famosa do solitário de Frankfurt, *O mundo como vontade e representação*, seleciono a seguinte: Assim, vimos no grau mais baixo a vontade nos aparecer como um impulso cego, como um esforço misterioso e surdo, distante de toda consciência imediata [...]. Enquanto pensamento cego e esforço inconsciente, ela se manifesta em toda natureza orgânica.

Tendências que possibilitaram a emergência do Inconsciente.

Ao finalizar esta primeira parte, gostaria de destacar alguns fatores que favoreceram as especulações sobre o espírito inconsciente. A enumeração, que segue, não pretende hierarquizar, mas apenas identificar algumas variáveis que estariam em jogo e nos podem ajudar na compreensão do fenômeno.

A filosofia romântica do fim do século XVIII, que se desenvolveu prevalentemente na Alemanha, viu no inconsciente a ligação entre o indivíduo e as natureza.

O impacto das idéias vindas do Oriente, que colocaram em evidência a unidade que permeia o universo todo, do qual o indivíduo não é mais que uma parcela.

O desenvolvimento da biologia e da teoria evolutiva, ao destacar as tendências orgânicas e a energia vital fortaleceram o fundo biológico do inconsciente.

A reação ao consciencialismo cartesiano. Não é por acaso que, apesar da grande influência da psiquiatria francesa, do hipnotismo, da histeria, não é na França, marcada pelo racionalismo, mas na Alemanha, onde encontramos a formulação explícita do inconsciente.

Em síntese. Por um caminho ou por outro, a idéia do inconsciente começa a aparecer no fim de 1700, se torna atual ao redor de 1800, operante na segunda metade do século XIX. Passa-se de uma descoberta geral da existência do espírito inconsciente dentro do contexto do pensamento pós-cartesiano, para uma tentativa de descobrir a estrutura dos processos mentais inconscientes, especialmente nos estados patológicos. É neste contexto que emerge como um gigante a figura de Freud, mas utilizando a imagem do *iceberg* de Fechner poderíamos afirmar que ele é apenas a parte emergente; existe todo um contexto cultural submerso sobre o qual, de alguma maneira, se apóia.

2. O CORTE EPISTEMOLÓGICO DE FREUD.

Como já afirmei anteriormente, essa verdadeira caminhada, melhor, corrida pelos últimos séculos, rastreando o tema do inconsciente, não visava eliminar a originalidade freudiana e sim apenas colocá-la dentro de certos limites. Afinal, há uma corrente de pensamento que é obra ininterrupta de um grande número de pensadores. Como Freud se posiciona diante de tantas coincidências? Não lhe resta que reconhecer a evidência dos fatos, ao mesmo tempo em que reivindica sua independência. Se a alguns pensadores cabe o mérito da prioridade pela intuição, a ele, o mérito da originalidade, visto que as mesmas conclusões são meras coincidências, tendo a elas chegado por outro caminho, o da árdua, lenta e laboriosa pesquisa científica.

Aos 42 anos, Freud toma consciência que alguém (na realidade são mais de 50 autores) já havia levantado hipóteses análogas. Em 1925, com já 69 anos de idade, escreve: "A maioria esmagadora dos filósofos vê como mental apenas os fenômenos da consciência" (1925, p. 268). Não estaria cometendo um engano? Certo distanciamento mantido com relação à filosofia e aos filósofos não o teria levado também a ter uma idéia falsa de sua originalidade?

Em várias passagens Freud tem que enfrentar a questão da originalidade de suas descobertas. Desde *A Interpretação dos Sonhos*, no parágrafo que se encontra no capô II, acrescentado em 1909, reconhece a grande coincidência de idéias entre a associação livre para interpretar os sonhos e o conselho do grande poeta e filósofo Friedrich Schiller encontrado, melhor, desenterrado por Otto Rank, numa correspondência que o grande poeta e filósofo teve com Körner. O conselho era para responder a uma queixa do amigo de insuficiente produtividade. O jeito era proporcionar um relaxamento da vigilância das comportas da razão para que as idéias possam entrar atropeladamente. Esta adoção de uma atitude de auto-observação não crítica, de modo algum é difícil, conclui Freud (1900, p. 110-111)

Reconhece, em *O chiste e suas relações com o inconsciente* que Lipps já admitia um 'inconsciente psíquico' no mesmo sentido dele (1905, p.186). Ainda no fim da vida, em 1938, no *Esboço de psicanálise* admite mais uma vez que alguns pensadores (como Theodor Lipps, por exemplo) afirmaram a mesma coisa do que ele. Manifesta, porém sua

crítica com a tendência a incluir cada vez mais na psicologia o conceito de inconsciente, mas de uma forma tão indefinida e obscura que não poderia ter nenhuma influência sobre a ciência. (FREUD 1940, p.1831).

A maioria dos filósofos e psicólogos que falam do inconsciente tem em comum com o psicanalítico apenas o nome e se não é entendido é porque “nunca se ocuparam de fenômenos mentais desse gênero” ou nunca se submeteram “às impressões convincentes que se podem adquirir a partir de um estudo direto do pensar obsessivo”. Ironicamente, Freud conclui: “Poderíamos até mesmo chegar a exigir-lo deles, se essa tarefa não fosse tão mais árdua do que os métodos de trabalho a que estão acostumados”. (1909, p.230)

Parece-me que o seguinte trecho retirado de artigo de 1913 *O interesse científico da psicanálise* resume a diferença fundamental com o inconsciente dos filósofos .

É verdade que a filosofia repetidamente tratou do problema do inconsciente, mas com poucas exceções, os filósofos assumiram uma ou outra das duas posições seguintes: ou o seu inconsciente foi algo de místico, intangível e indemonstrável, cuja relação com a mente permaneceu obscura, ou identificaram o mental com o consciente e passaram a deduzir dessa definição aquilo que é inconsciente não pode ser mental nem assunto de psicologia. (1913, p. 213).

Nos casos em que determinado pensador pudesse influenciar suas descobertas, Freud tem seus mecanismos de defesa. Em 1914 na *História do Movimento Psicanalítico*, uma de suas obras mais polêmicas, escrita para salvar a psicanálise das várias interpretações surgidas pelas dissensões de Adler e de Jung, confessa:

Em anos posteriores neguei a mim mesmo o enorme prazer de ler as obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar com qualquer espécie de idéias antecipadoras a elaboração das impressões recebidas pela psicanálise. Tive, portanto, de me preparar - e com satisfação - para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu pela intuição (1914, p. 25).

A mesma preocupação volta em outro artigo histórico *Um estudo autobiográfico* (1925) quando escreveu:

Nietzsche, outro filósofo cujas conjecturas e intuições amiúde concordam, da forma mais surpreendente, com os laboriosos achados da psicanálise, por muito tempo foi evitado por mim, justamente por isso mesmo; eu estava menos preocupado com a questão da prioridade do que em manter minha mente desimpedida. (1925, p.76)

O mesmo argumento de defesa ocorre em algumas passagens analisa as semelhanças da psicanálise com a filosofia de Schopenhauer:

A teoria sem dúvida alguma me ocorreu independentemente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido, e por muito tempo imaginei que fosse inteiramente original, até que Otto Rank nos mostrou um trecho da obra de Schopenhauer *World as Will and Idea* na qual o filósofo procura dar uma explicação da loucura. O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com o meu conceito de recalque que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta e talvez o mesmo tivesse acontecido a mim se na juventude tivesse tido mais gosto pela leitura de obras filosóficas (1914, p. 25)

Três anos mais tarde, em 1917, no artigo *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* volta a reconhecer a prioridade de "filósofos famosos que podem ser citados como precursores, acima de todos, o grande Schopenhauer" (1917, p.178). A coincidência em alto grau da psicanálise com a filosofia desse filósofo seria mera coincidência: "Li Schopenhauer muito tarde em minha vida", conclui Freud em seu livro *Um estudo autobiográfico* (1925, p. 75).

Arrematando o pensamento de Freud sobre sua originalidade parece-me que ele se articula ao redor de três idéias fundamentais:

1°. A maioria dos filósofos, especialmente os acadêmicos, herdeiros do consciencialismo cartesiano, não conseguem nem admitir a existência do inconsciente, considerando-o um absurdo lógico. O motivo dessa recusa estaria ligado à falta de familiaridade com métodos de trabalho científico ou com um estudo direto dos fenômenos mentais, especialmente de ordem patológica.

2°. Os que chegaram a falar do inconsciente o fizeram de tal maneira que o seu inconsciente foi algo de místico, intangível e indemonstrável, cuja relação com a mente permaneceu obscura, cabendo à psicanálise torná-lo objeto de uma análise científica.

3°. Os poucos que chegaram a se aproximar surpreendentemente com o inconsciente psicanalítico lhe eram desconhecidos ou foram descobertos mais tarde, em nada, portanto, podendo ofuscar o mérito da descoberta. A eles o mérito da prioridade, a Freud o da originalidade. A eles o caminho fácil da intuição, a Freud o do laborioso parto científico.

Penso ter demonstrado que talvez a originalidade de Freud não seja tão absoluta, mas que também não podemos desconhecer as contribuições específicas de Freud que elevou o inconsciente a um estatuto metapsicológico, tornando-o objeto de análise científica, identificando as características, os princípios, os processos, as estruturas do mesmo.

A metapsicologia freudiana se tornou uma retradução psicológica de um conceito filosófico que procurou desvendar algo de obscuro dos processos psíquicos. Os filósofos tentaram objetivar e projetar em céus metafísicos as obscuras percepções endopsíquicas, nascendo disso uma mitopsicologia, um estudo de realidades transcendentais. Com Freud nasce uma metapsicologia. O "meta" não remete para o transcendente e sim para o profundo, para o científico. Ela não vem dos céus metafísicos nem a eles chega. Parte da observação dos fatos, passa para uma análise dos mesmos, procurando relacioná-los e classificá-los, para só em seguida buscar adaptá-los à exigência da pesquisa.

Onde encontramos a descrição mais refinada do conteúdo da pesquisa metodológica do inconsciente é no artigo de 1915 que passamos a analisar.

3. O ARTIGO METAPSICOLÓGICO DE 1915

A relevância do artigo *O Inconsciente* é indiscutível. Apesar de ter sido escrito em menos de um mês - de 4 a 23 de abril de 1915 - é considerado como o 'ponto culminante' da série de Artigos sobre a Metapsicologia, "a produção mais importante de todos os escritos teóricos de Freud". (1915, p. 185)

Nele deságua toda uma série de pesquisas que se iniciam com a tentativa de descrever os fenômenos patológicos pelo método neurológico, como aparece na obra inacabada o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895).

O Freud neurologista será superado pelo Freud psicólogo que começa a emergir já nos *Estudos sobre a Histeria* (1895), onde a necessidade de processos mentais inconscientes está insinuada. Com o cap. VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), o Inconsciente é já uma noção clara. "Pela primeira vez revelou o inconsciente, tal como era, como funcionava, como diferia de outras partes da mente, e quais eram suas relações recíprocas com elas". (1915, p.188)

Em 1912, no artigo escrito em inglês para a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres - *Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise* - por falta de um termo melhor e menos ambíguo continua a chamar de inconsciente, o que já tinha adquirido em psicanálise um tríplice sentido: o descritivo, o dinâmico, o sistemático.

No artigo metapsicológico de 1915, Freud retoma as idéias anteriores justificando mais uma vez a necessidade e utilidade do conceito de inconsciente para explicar as muitas lacunas da consciência. O termo inconsciente, porém, deve ser entendido de várias maneiras. De um ponto de vista topográfico, o inconsciente é o latente, o que não se encontra na consciência, mas que pode tornar-se consciente. De um ponto de vista dinâmico, o inconsciente é o recaiado, o que não pode estar na consciência. Finalmente, do ponto de vista sistemático, o inconsciente é o "outro".

Identifica as características do sistema inconsciente: "a isenção de contradição mútua, o processo primário, (mobilidade das catexias), a intemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica", (1915, p.214) Descreve, enfim, a intercomunicação entre os dois sistemas e conclui com uma avaliação do inconsciente.

No artigo acabam confluindo uma série de caminhos tais como a herança filosófica e literária de Freud, o sonho e sua interpretação, a psicopatologia da vida cotidiana; os sintomas neuróticos; e as várias elaborações teóricas de compreensão e explicação dos processos psíquicos inconscientes.

A primeira tópica está centrada sobre uma oposição, tanto uma oposição a dois como a três termos. Trata-se da famosa dualidade consciente-inconsciente, na qual é introduzido um terceiro termo o pré-consciente, mas para reduzir-se novamente a uma oposição binária. O que chama atenção neste "aparelho da alma" ou aparelho psíquico é a descoberta de algo radicalmente novo que funciona sem o nosso consentimento e que nos determina em toda uma série de processos tais como o sonho, os atos falhos e sintomas. É a descoberta de uma outra coisa em nós, de um outro neutro o qual encontrará sua expressão no pronome latim 'id'.

Mas que é esta outra coisa? Não foi fácil para Freud definir, catalogar o inconsciente. Vamos percorrer rapidamente o caminho que o próprio Freud fez em seus escritos ao tentar conhecer esta outra coisa que não é a vida consciente.

O critério descritivo que reduz o inconsciente ao que não é consciente, a ausência de consciência não é suficiente para descrever a experiência psicanalítica. Essa 'outra coisa' é o resultado de um processo específico: O que eu não vejo mais é porque não posso mais ver por ser inaceitável. Há elementos que se encontram excluídos, recaiados. O inconsciente dinâmico implica na noção de conflito psíquico.

A hipótese dinâmica do inconsciente remete a algo de mais profundo. O que é excluído, recaiado, muitas vezes não o é por si mesmo, mas por conexões existentes com material recaiado e que leva a pensar no inconsciente como um verdadeiro sistema que "aspira", puxa, atrai o que for expulso da consciência. Não basta que exista um sistema acessível à consciência (pré-consciente) e outro excluído (inconsciente). O que permite definir a oposição dos dois sistemas, é não somente a relação que cada um mantém com a

consciência, mas também e principalmente pela própria maneira deferente de funcionar: o inconsciente através do processo primário e o pré-consciente pelo secundário. Se estes sistemas não são semelhantes quanto à maneira de funcionar é necessário perguntar-se o porquê. É por ser excluído que funciona diferentemente ou funciona diferentemente por ser excluído? É uma questão intimamente relacionada com a problemática do id.

A metapsicologia freudiana, assim como ele a entendeu, não pode ser definitiva. A parte especulativa da ciência psicanalítica muda e avança conforme os dados novos que o obrigam a reformular sua tória. Quais foram os dados novos que levaram à segunda tópica, em 1923? Trata-se propriamente de uma novidade?

4. DO INCONSCIENTE AO ID

Novidade e retorno em Psicanálise

Confrontando as duas tópicas, surge logo a pergunta sobre a eventual novidade contida na reformulação da teoria do aparelho psíquico. Trata-se de novidade? Não seria o caso, talvez, de falar num remanejamento? O que retorna com a noção do id?

O retorno em psicanálise pode-se dar de várias maneiras. Pode haver um retorno do interior da própria teoria quando se trata de uma repetição pura e simples. Um elemento de teoria, por exemplo a noção de sedução que não foi amarrado ao conjunto da teoria, reaparece a intervalos mais ou menos regulares nos escritos de Freud.

Pode haver um retorno do interior também devido a uma reestruturação de uma síntese anterior que obriga Freud à criação de um novo conceito. O acento posto, por exemplo, sobre o Ego e o Narcisismo, na década de dez para vinte, força Freud a introduzir a noção de "pulsão de morte".

Pode-se dar, finalmente, um retorno que vem do exterior, como foi o caso do id. A noção é sugerida a Freud por Groddeck, bem antes de 1920-23. Rejeitada, inicialmente, foi depois assumida por ele.

Quanto à 'novidade' da segunda tópica, a posição de Laplanche é que não se deve exagerar o que se costumou chamar de "virada" ou "viragem" dos anos vinte, porque na realidade antes de 1923, antes do texto *O Ego e o id*, quase toda a nova tópica estava esboçada, pelo menos implicitamente.

Gênese da segunda tópica e sua relação com a primeira

A segunda tópica não nasce de um remanejamento das "fundações inconscientes", mas a partir de três noções que aparecem ao redor dos anos quinze: a do narcisismo, de identificação e das instâncias ideais do ego.

Com a noção do narcisismo, o ego assume a consistência de um objeto de amor. Com a identificação, está implícito o fato de que se o ego se torna um objeto de amor interno é porque ele é o precipitado de relações objetivas externas. Com o aparecimento das instâncias ideais, se evidenciou no seio do ego determinados componentes ideais.

Esses conceitos prepararam a segunda tópica ao destacar o papel do ego no conflito. Na primeira tópica se tem a impressão de que o inconsciente desempenha o papel de ruim, do malvado que deve ser expulso, recalado. O que dá a impressão que o inconsciente é idêntico ao recalado e que precisaria procurar o recalante num outro sistema, o pré-consciente-consciente. A experiência clínica provou que o recalante é também inconsciente. Em outras palavras, a própria defesa é inconsciente e será essa uma das razões mais fortes para associar o Ego ao inconsciente visto que não é marcado, como o pré-

consciente-consciente , por uma relação necessária com a consciência. O ego é em si mesmo neutro em relação à distinção do consciente e do inconsciente.

O que pode significar a introdução do id em psicanálise

Será que o termo id é apenas um sinônimo do termo inconsciente? E mesmo que fosse apenas um termo diferente para o inconsciente, o que implica esse novo jogo de linguagem? Por que chamar o inconsciente de id? Laplanche responde que a preferência pelo termo id remete às seguintes opções: pulsional, genética, impessoal e tópica.

A introdução do id implica, antes de tudo, uma referência ao pulsional, ao biológico. A opção genética remete ao problema das origens, isso é, à possibilidade de encontrar um *termo a quo* sobre o qual fundar a psicanálise. O impessoal destrona o sujeito consciente e autônomo, reafirma e acentua a existência de processos primários que não controlamos. Finalmente, a opção tópica permite recolocar ordem na questão do conflito, no momento em que surgiram ou foram reformuladas ou explicitadas as instâncias do Ego e do Superego.

Resumindo, poderíamos dizer que a introdução do id torna o inconsciente mais estranho, mais perto de uma força vital, mais desconhecido. O id acentua: a evidência do impessoal, do que é radicalmente estranho ao sistema superior e, ao mesmo tempo, destaca a dimensão produtiva e intemporal do mesmo. Apesar disso vale lembrar que existem outros modelos, além do vitalista da segunda tópica, que podem explicar e dar conta da heterogeneidade do inconsciente, como já vimos na primeira tópica.

Primeira tópica versus segunda tópica: uma comparação

Se compararmos essa segunda tópica com a primeira, se notará que ela está mais próxima do antropomorfismo. Fala-se das instâncias como se fossem personagens reais dentro de nós. Reencontramos na segunda tópica a intuição freudiana de "pluralidade de pessoas psíquicas" de que falava a Fliess em uma de suas cartas.

Laplanche - Pontalis, em seu *Vocabulário de Psicanálise*, resumem de uma maneira muito feliz essa visão antropomórfica do aparelho psíquico ao escrever:

O campo intra-subjetivo tende a ser concebido segundo o modelo de relações intersubjetivas, os sistemas são apresentados como pessoas realmente autônomas da pessoa. Nesta medida, a teoria científica do aparelho psíquico tende a aproximar-se da forma fantástica como o indivíduo se concebe e até, talvez, se constrói (1976, p.661).

Acentua-se o antropomorfismo. Enquanto a primeira descrição do aparelho psíquico é mais abstrata e psicologizante, "a nova concepção freudiana do aparelho psíquico se presta mais facilmente do que a primeira a uma interpretação biologizante ou naturalizante" (1976, p.288).

CONCLUSÃO

Ser dúvida, se há uma palavra que resume a descoberta freudiana, essa palavra é 'o inconsciente'. A psicanálise, apesar dos inevitáveis desvios ideológicos de que pode ser mais vítima do que cúmplice, estará definitivamente associada ao inconsciente.

Considerando a profunda influência cultural que a psicanálise desempenhou na nossa cultura, se justificava a tentativa de traçar, mesmo que nas grandes linhas, a gênese de toda uma corrente de pensamento que deságua no inconsciente psicanalítico.

Toda tentativa nesse sentido, porém, é sempre questionável, de acordo com os pressupostos teóricos que, consciente ou inconscientemente, norteiam a pesquisa histórica. Partimos de uma análise do contexto cultural europeu dos últimos quatro séculos sem submetê-lo a um estudo mais profundo dos determinantes econômicos, como postularia uma hermenêutica mais contextual. Se e até que ponto a primeira revolução industrial, a ascensão da burguesia e a progressiva bipolarização das classes sociais estão relacionadas coma problemática do inconsciente não foi focalizado.

Consideramos apenas as manifestações da cultura européia, o fruto final como aparece especialmente na literatura e na filosofia. Não foi difícil ‘montar’ uma série de citações que evidenciam pelo menos uma progressiva clarificação da idéia do inconsciente. Se isso é verdade, porém, não nos autoriza a concluir que Freud teria apenas retomado e explicitado as intuições de seus inúmeros predecessores.

O grande corte epistemológico se dá a partir do momento em que tenta desatrelar o inconsciente da órbita metafísica para submetê-lo a uma análise científica. Os dados clínicos, sua auto-análise, os sonhos, os atos falhos, os chistes, os sintomas neuróticos, foram brechas que possibilitaram a Freud a descida na psicologia das profundezas, revelando ao homem seu rosto desconhecido e misterioso.

Na primeira tópica, o inconsciente é tomado mais como substantivo, lugar dos representantes das pulsões, regidos pelo mecanismo do processo primário. As representações buscam um acesso até a consciência (retorno do recaiado), mas devido à ação da censura só conseguem chegar de uma forma distorcida na formação de compromisso.

Na segunda tópica, o termo inconsciente é tomado mais como adjetivo que qualifica tanto o id como em parte o ego e o superego. O que resta de comum entre o inconsciente e o id não são nem os limites, nem os conteúdos, mas o modo de funcionamento, isso é, o processo primário.

Até os últimos escritos Freud nunca renunciou à tentativa de integrar as duas tópicas, o que mostra que não se trata propriamente de uma superação, mas de outro modelo explicativo do aparelho psíquico, o qual se tem suas vantagens sobre o primeiro, também tem suas desvantagens.

Na realidade, o termo inconsciente (*Unbewust*) apesar de suas ambigüidades e imprecisões persistirá à introdução do id em 1923. O inconsciente restará a verdadeira pedra fundamental da psicanálise e será mantido até o fim com uma ligação estreita com o id, sem que esse o consiga destronar do papel central que desempenha na psicanálise.

Após a revolução copernicana e darwiniana podemos falar hoje de uma "revolução freudiana?" Sem dúvida devemos a Freud uma nova compreensão do homem. Depois dele não é mais possível encarar a consciência como um dado imediato e sim como uma tarefa, a de "tornar-se" consciente. Onde havia *Bewustsein*, ser consciente, passa a haver *Bewustwerden*, tornar-se consciente. Se é possível falar de "revolução" freudiana, acentuando a descontinuidade da história cultural, não podemos esquecer que houve toda uma "evolução" que o preparou e à qual somos igualmente devedores por ter possibilitado o alargamento da compreensão de nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Luis. Freud e Lacan. In: AA. *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos: Portugália Editora, 1973.,

ANZIEU, Didier. *L'auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse*. Vendôme: Presses Universitaires de France, 1975, T. 1.

ASSOUN, Paul-Laurent L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago (primeira edição)

_____. (1896) Carta 52. In: Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. V. I

_____. (1895) Projeto para uma psicologia científica. V. I

_____. (1900) A interpretação dos sonhos. V. 4.

_____. (1905) Os chistes e sua relação com o inconsciente. V. 8.

_____. (1909) O homem dos ratos. V. 10.

_____. (1913) O interesse científico da psicanálise. V. 13.

_____. (1914) História do movimento psicanalítico. V. 14.

_____. (1915) O inconsciente. V. 14.

_____. (1917) Uma dificuldade no caminho da psicanálise. V. 17.

_____. (1923) O ego e o id. V. 18.

_____. (1924) Uma breve descrição da psicanálise. V. 19.

_____. (1925) A resistências à psicanálise. V. 19.

_____. (1925) Um estudo autobiográfico. V. XX

_____. (1940) Esboço de psicanálise. V. 23.

GRODDEK Georg. *O livro d'ISSO*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.

JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LAPLANCHE, Jacques. *L'inconscient et la ça*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

WHYTE, Lancelot. *L'inconscient avant Freud*. Paris: Payot, 1971.